

MEMÓRIAS EM CHÃO BATIDO*:

Raízes da ancestralidade e do pertencimento nos festejos do Rosário em Catalão-GO

Cairo Mohamad Ibrahim Katrib*

Resumo:

As histórias do Congado, em sua maioria, se perpetuaram e se recriaram no fluir do tempo e das vivências de seus praticantes. Foi principalmente através do exercício do contar e recontar essas histórias que eles construíram e reconstróem os sentidos atribuídos à Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário e, conseqüentemente, do Congado. Desse modo, esse texto objetiva, por meio das narrativas orais, compreender como as famílias congadeiras recriam os sentidos da sua devoção à Virgem do Rosário, no Congado, na tentativa de entender o papel da memória na reconstituição dos pertencimentos, dos laços de parentesco e do sentido do próprio viver para os sujeitos que tem o Congado como uma janela em movimento que descortina o vivido, suas raízes ancestrais rematerializando novas e velhas histórias.

A arte de (Re) contar histórias

As narrativas sobre a Festa do Rosário da cidade de Catalão, localizada na região sudeste do estado de Goiás, realizada a mais de 130 anos no município, se (re) constroem da prática do viver a comemoração como sinônimo de vida pelos seus praticantes. A cada história narrada, fruto do ir e vir da memória, novas/velhas histórias (re) surgem e ganham contornos significativos por meio de tantas lembranças ressoadas a muitas vozes. Nessa lógica, o congadeiro é o sujeito que melhor exercita o reencontro com a Festa, pois é ele quem a pratica com mais intensidade, (re) atualizando suas lembranças no fluir do tempo, das saudades entrelaçadas às muitas vivências, materializadas e revividas através da arte de (re) contar histórias.

Os fios que costuram o diálogo aqui tecido são frutos dos nós desatados e reatados durante vários anos de pesquisa¹. Aqui utilizo como ponto de partida as entrevistas e depoimentos obtidos entre os anos de 2003 a 2009, numa tentativa de releitura do papel do significado que essas vozes representam na materialização dos festejos e dos vínculos identitários dos congadeiros com a fé, com a festa e com a devoção a Santa do Rosário.

* Apoio FAPEMIG

* Universidade Federal de Uberlândia-UFU/Campus Pontal. Doutor em História.

¹ As comemorações em louvor a Santa do Rosário da cidade de Catalão são objetos de minhas pesquisas há vários anos, possibilitando vários vieses interpretativos que culminaram na dissertação: *Nos mistérios do Rosário as múltiplas vivências da festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário (Catalão-GO 1936-2003)* (2004), da tese: *FOI ASSIM QUE ME CONTARAM: recriação dos sentidos do sagrado e do profano no congado na festa de Nossa Senhora do Rosário* (2009), projetos de pesquisas, capítulos de livros, artigos, dentre outros.

Como ponto de partida elejo um episódio ocorrido no ano de 2003, na Festa em Catalão. Nesse ano, uma família negra, congadeira e pertencente às camadas populares foi festeira² das comemorações em louvor a Nossa Senhora do Rosário. Nessa perspectiva, é nítido que a comemoração do ano de 2003 trouxe muitas expectativas em torno do acontecimento, pois quebrou a tradição de várias décadas em que a Festa teve seu comando nas mãos de pessoas brancas de poder aquisitivo elevado para os padrões locais e, nesse ano, foi administrada por negros e congadeiros.

A família Arruda, após pleitear por vários anos a posição de festeiros do Rosário em Catalão em 2003, conseguiu ocupar o cargo, promover a Festa e cumprir uma promessa antiga do patriarca. Contudo, a família foi unânime em afirmar que não foi tarefa fácil que o parâmetro de uma boa festa em Catalão é dosado pelo quantitativo financeiro que se injeta nela e pelos lucros obtidos. O bom festeiro é aquele que oportuniza divertimento, fartura, organização e muito lucro a ser dividido entre a Irmandade e a Igreja.

Destacaram ainda que por serem uma família negra de camada popular, muitos membros da Irmandade do Rosário e grande parte da população da cidade demonstraram preocupação se eles seriam capazes de realizar uma festa tão boa ou melhor que as organizadas pela elite local nos últimos anos. Entretanto, a família sempre frisou saber da responsabilidade assumida, mas mais importante do que a realização de uma excelente festividade era poder concretizar um sonho antigo do patriarca já falecido.

Nessa trilha de reconstrução de um diálogo com a Festa é imperativo perceber que o aguçar da memória se dá de forma entrelaçada por uma série de condicionantes:

Amarrar a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade; o público e o privado; o sagrado e o profano; o registro e a invenção; a história e a ficção; revelação e ocultação de fatos, acontecimentos vivenciados e presentificados na memória dos sujeitos sociais. (NEVES, 1998 apud DELGADO, 2006:40).

Essas recordações assumem uma significação pessoal para cada indivíduo cuja representatividade se consolida de forma diferenciada, pois cada sujeito absorve e atribui

² Em Catalão-GO, desde os primeiros relatos de realização dos festejos nas fazendas da região e nas comemorações da cidade, apenas três festeiros negros foram responsáveis pela realização das comemorações. A partir da década de 1930, quando a festa se fixa na cidade, o papel de festeiro foi até o ano de 2002 atribuído a famílias brancas de elevado poder econômico e influência política local. Pude constatar esse fato, analisando e pesquisando a trajetória da comemoração, ao longo dos seus mais de cem anos de realização, nos livros de atas da Irmandade local.

sentidos às recordações de acordo com o grau de importância que elas assumem para si. Nesse conjunto de sentidos, flui e emerge as lembranças do passado, os ressentimentos, os desejos e vontades adormecidos e a própria necessidade de materializar na história da festa a sua própria história, assim como finalizar um ciclo cumprindo uma promessa feita por um ente já falecido.

No caso do voto feito pelo patriarca da família Arruda, esse não foi a mim revelado de imediato, mas uma de suas filhas me disse que se tratava da quitação de uma dívida com a Santa protetora que vinha sendo protelada há várias décadas. Ela deixa subentendido que foi uma promessa da época de criança feita pelos pais; noutros momentos fez entender que estava relacionada à doença de um parente próximo, um irmão do seu pai ou, ainda, que a promessa fora feita num momento de turbulência vivido pelo patriarca em relação à Irmandade. Por isso, reafirmou que ser festeiros não tinha o mesmo significado que o cargo tem para outras pessoas da sociedade, mas seria muito relevante para a família ocupá-lo, pois assim realizariam um desejo antigo do pai e poderiam quitar também a dívida com Nossa Senhora do Rosário.

É válido dizer, como bem afirma Delgado (2006:40), que os acontecimentos da vida em comunidade, as experiências compartilhadas ou as mais solitárias são reflexos exteriores, estímulos para o reavivamento das lembranças que seguem uma dinâmica própria, fazendo dos indivíduos, sujeitos capazes de reconstruir com o vivido um referencial, uma base para a (re)atualização das suas histórias. A família Arruda, ao evocar suas recordações, recriou uma ponte entre o passado e o presente, e dos cacos perdidos de sua própria história recontam suas memórias.

No diálogo, mantido com a família Arruda, compreendi o dito e o não dito, nos olhares e na própria forma adotada por cada sujeito de interagir com o seu meio social. O dito, aqui entendido como as histórias narradas, construídas dentro de uma cronologia de sentidos própria, divulgadas coletivamente; e o não dito, aquele sentido guardado nas entranhas da memória daquilo que foi vivido, absorvido, armazenado, fruto das experiências mais íntimas, que surgem com reticência.

Pude acompanhar Edsônia Arruda, uma das filhas do senhor Geraldo Arruda no ano de 2002, durante alguns dias de Festa e, em especial, no último dia da comemoração desse ano. Nessa ocasião, ela e toda a família se preparavam para viver um momento muito especial. Depois de muitos anos de tentativa, iriam receber a Coroa de Nossa Senhora do

Rosário e poder realizar a Festa do ano de 2003. Associado a isso, a preocupação em ser bons anfitriões já tomava conta de toda família. Todos se desdobravam para receber os convidados, organizar a chegada dos ternos para o cortejo de transmissão da Coroa, ritual que simboliza a passagem da festa do festeiro atual para o do próximo ano. A família Arruda seria a responsável pela Festa do ano de 2003.

Minutos antes do início do acontecimento pude ver Edsônia, festeira de 2003, na sala da casa da mãe observando as fotos dos pais, dos irmãos falecidos e dos demais familiares. Ali, grande parte de suas lembranças se recompunha, pois as recordações e os sentimentos ganhavam novos contornos. Mas essa comunicação se dava através de vozes silenciadas, só ouvidas por ela, que revivia momentos idos, que se constituíam numa simbiose que integrava o real e o sobrenatural; o passado e o presente; os sonhos e os desejos; as alegrias e os ressentimentos, ali, naquele momento de recordação.

Se as lembranças naquele cenário faziam Edsônia reviver o passado, as suas recordações provavelmente fluíam misturadas aos sentimentos, às emoções, às dores e expectativas, pois ali, o ver, o ouvir e o recordar era a tríade que possibilitava o transitar de Edsônia pelas suas recordações, assistindo ao filme da vida que se passava na sua mente, pela qual ela visualizava os bons e maus momentos compartilhados pela família, possivelmente protagonizados pelo pai. Ouvia as vozes do silêncio que recontavam histórias desse passado, cuja sonoridade se espalhava pela memória, com isso, fazendo borbulhar nas suas lembranças a materialização das experiências vividas, possibilitando a ela inserir ali as vitórias conquistadas que, na sua percepção, acalmariam o fervilhar do passado, amenizando os ressentimentos e as mágoas desse período.

Nas comemorações do ano de 2003, reencontrei Edsônia e o irmão Edson (já falecido). Ambos demonstraram um sentimento de vitória, de dever cumprido, de reencontro com o passado. Ali, diante da imagem de Nossa Senhora do Rosário, que permaneceu na residência da família durante todo o ano, os dois faziam suas preces e se preparavam para terminar mais um ciclo da trajetória de vida a ser fincada na história da família e da própria cidade. Foi ali, naquela pequena sala da casa da mãe que Edsônia Arruda sintetizou com palavras o que estavam sentindo naquele momento:

Nossa! Esse era um sonho antigo do papai! [...] ele sempre quis ser festeiro. (chora) Ele queria pagar a dívida que ele tinha com a Santa [...] Morreu sem poder realizar seu sonho! (suspira). Mas hoje, de onde ele estiver e, eu sei que

ele tá aqui vendo tudo isso, deve tá muito feliz e ajudou a gente a fazer a festa! (Entrevista, 2003).

Observei que aquelas palavras vinham embebidas de recordações e episódios tristes, outros alegres, mas eles iam e vinham, faiscando as lembranças adormecidas no tempo que reascendiam e aqueciam a materialização das recordações em sentimentos e estes em sonho.

Porém, não descartava a importância de ter usufruído a visibilidade que a Festa lhes proporcionou. Pois, através do cargo ocupado naquele ano, todos os membros da família Arruda puderam reafirmar, perante a sociedade local, que eram construtores de suas histórias e que a trajetória trilhada não evidenciava apenas um desejo antigo e sim a reafirmação dos seus laços de pertença identitária. O projetar da família no cenário local reiterava a sua importância cultural, que, nesse sentido, teria seus valores étnicos reconhecidos. Seriam respeitados pelo feito alcançado. E o alcançar desse feito como marca da sua história passa a ser um diferencial significativo dentro do contexto organizacional da Irmandade e do Congado local, creditando a eles uma importância dentro desse contexto festivo.

Analisando esses momentos vividos pela família, é inegável que o fato de terem sido agraciados com a possibilidade de realizar a Festa do Rosário projetou, durante todo o ano de 2003, a família Arruda na sociedade local. Os meios de comunicação como televisão e rádios da cidade deram destaque à Festa da família. O jargão ostentado pela mídia e absorvido pelos festeiros era o de que nesses mais de cem anos de festividades pouquíssimos tinham sido os festeiros negros no comando da comemoração.

A evidência dos Arruda aumentou à medida que se aproximava a Festa. Sempre quando se pronunciavam publicamente, faziam questão de referendar que a Festa por eles comandada seria a mais organizada até então, se constituindo numa das mais prósperas dos últimos anos. Para alcançar seus objetivos fizeram uma festa luxuosa com a ajuda do poder público local.

Assim, naquele ano, a expectativa da população foi grande em relação à Festa. Primeiro, porque algumas pessoas teciam comentários negativos em relação a sua realização. Pessoas conceituadas da cidade me disseram não entender a atitude da Irmandade em oferecer a coroa para uma família de poucas posses. Ao tecerem seus comentários se baseavam no perfil e na atribuição dada ao festeiro, mas parcialmente o parâmetro da discordância em relação aos festeiros do ano de 2003 era a sua condição econômica e nível cultural pertinente

ao bom anfitrião. Essas falas se deram envoltas num estranhamento visível em relação à escolha dos festeiros.

O que percebi também é que a ruptura com um padrão pré-estabelecido, com um modelo e perfil agregado ao papel do festeiro estava, naquele ano, sendo recriado e redimensionado pela irmandade. A escolha dos festeiros meramente pelas condições econômicas estava sendo questionador. Um fato interessante é que os membros do próprio Congado local teciam comentários negativos sobre a Festa da família Arruda sem nem mesmo a comemoração ter acontecido. Uma dessas falas mais ouvidas à época pode ser sintetizada no depoimento abaixo de um dos entrevistados que me relatou o seguinte:

[...] Ah, eu não acredito que eles vão dar conta de fazer uma boa Festa não!
[...] Onde já se viu [...] da onde é que eles vão arrumar apoio pra fazer a Festa? Pra ser festeiro precisa de dinheiro, prestígio [...] Minha opinião é que eles só querem aparecer [...] (Entrevistado 1, 2002)

É notório também que muitos membros da população local apoiaram a escolha dizendo:

Nossa! Eu fico extremamente satisfeita em saber que uma família negra que tem raízes culturais no Congado da cidade, possa realizar de fato essa Festa! (Entrevistado 2, 2003).

Para outros,

É muito bom ver a gente representada de fato na Festa [...] já que essa Festa é nossa, nada melhor que um de nós ser festeiro. Temos mais que apoiar porque nós somos irmãos e irmandade significa união. (Entrevistado 3, 2003).

Tantos questionamentos e deduções, a maioria deles do conhecimento da família Arruda, fizeram com que reforçassem junto à população, através dos meios de comunicação local, que aquela seria uma Festa inesquecível, que ficaria marcada na memória de todos. Mesmo assim, alguns comentários tecidos evidenciavam a suntuosidade daquele festejo, naquele ano. A Festa de 2003 apresentou algumas especificidades que lhe garantiram marcas históricas, não só pelo fato da família de festeiros ser negra, mas pela forma como os momentos festivos foram conduzidos e preparados.

O domingo de Festa daquele ano foi especial, pois naquela manhã quando todos esperavam que o cortejo ocorresse como nos anos anteriores percorrendo as ruas da cidade rumo à Igreja do Rosário para a missa campal, que culminaria na tradicional benção das bandeiras dos ternos do Congado, foram surpreendidos. A população estranhou o fato de apenas o andor com a imagem de São Benedito estar ali, no local, a postos para o cortejo. De repente, um helicóptero começa a sobrevoar o local de concentração dos fiéis e, ao descer, uma surpresa: de dentro dele sai o senhor Edson Arruda, um dos festeiros do ano, com a imagem de Nossa Senhora do Rosário que é colocada em andor e transportada pelas ruas da cidade até o largo do Rosário onde a missa aconteceria.

Ali, naquele momento, foi nítido o alvoroço de todos com o acontecimento. O espaço era disputado por pessoas comuns, congadeiros, fiéis e pelos políticos locais que pleiteavam a atenção dos participantes e dos próprios festeiros. Contudo, para a família, aquele momento era o de render graças, de agradecer e pedir proteção para que pudessem terminar aquela Festa e participar de muitas outras, como me relatou Edson e Edsônia Arruda, após o término do evento.

Outro aspecto relevante das observações realizadas na comemoração em 2003 foi a forma como os festeiros desse ano interagem com as pessoas nos momentos festivos. Quando a família estava inserida nos lugares de maior afetividade ou intimidade, as emoções se reconfiguravam em muitas falas, mas quando expostos aos olhares de todos, preferiam ser mais diplomáticos, demonstrando constante preocupação com o ritmo dos festejos. Entretanto, a emoção em alguns momentos fluía repentinamente, pois em diversas situações deparei com Edsônia em lágrimas frente a tudo que vivia na companhia do irmão Edson Arruda e de toda a família.

Portanto, friso que nos anos em que acompanhei mais de perto a trajetória da família Arruda, seja pleiteando a Festa, seja realizando-a, presenciei muitos momentos de reencontro com as lembranças do passado, e em muitas delas, o aflorar das recordações se deram nos espaços domésticos do interior de suas residências e nos quintais.

No caso da família Arruda, os vínculos de parentesco e de identidade coletiva são reforçados com muita intensidade na representação simbólica que a casa tem na vida da família, como espaço agregador dos vínculos familiares e sequência das vivências compartilhadas.

As casas da família Arruda se encontram dentro de um mesmo terreno, espaço este adquirido pelo avô no final dos anos de 1800, e que é a maior herança da família, pois ali todos residem, cada qual na sua casa e desfrutam de um quintal coletivo. A organização se assemelha muito às organizações tribais africanas.

Entre os bantos era comum a edificação de suas casas levando em consideração a organização circular do espaço. Ali, as moradas eram construídas dentro de um terreno, cuja entrada coletiva era por uma única abertura ou porta, nas proximidades da qual mantinha-se sempre acesa uma fogueira que dava acesso às moradias, formadas por casas independentes.

Em África, sempre eram comuns as construções familiares ocupando um mesmo terreno cercado por espaços de trabalho, por horta, árvores frutíferas e de sombra - representação da presença ancestral no local, espaços cerimoniais, cercados de animais, formados por diversas edificações, sendo que a primeira, próxima à entrada, era sempre pertencente ao chefe local.

O quarteirão onde reside a família Arruda se localiza numa região Central, no alto da cidade. Ali, a entrada de acesso ao grande quintal fica na rua principal que corta o quarteirão. Desse lado, residem três famílias e na outra rua mais três. Todas as casas possuem suas entradas independentes, seus quintais particulares com acesso para um grande quintal. Existe uma entrada principal de acesso ao espaço que se encontra ao lado da casa dos patriarcas das famílias, que funciona como quartel general, lugar de refúgio e de referência de muitas recordações. No centro do quintal há duas enormes mangueiras e ao redor de seus troncos bancos de madeira improvisados. Ao lado da cozinha da casa dos patriarcas se encontra uma pequena oficina de confecção de instrumentos, principalmente das caixas de percussão que ali são guardadas após cada Festa realizada e, ao fundo, espaços reservados ao cultivo de plantas diversas. A organização desse local é bem próxima às feitas por Weimer (2008). Os moradores disseram que sua estrutura foi pensada pelo pai de Geraldo Arruda.

O quintal é, então, o espaço em que a família reencontra o passado, revive a sua ancestralidade, materializa sua religiosidade e reelabora a sua cultura. Esse espaço de chão batido, com enormes mangueiras, funciona como lugar agregador, pois foi herdado pelo pai e passado aos filhos para ser o espaço de vivência e experiência da família.

É por isso que todas as casas se convergem para esse espaço que faz com que esse quintal seja coletivo, porém cada residência possui seus contornos próprios, com seus pequenos quintais particulares demarcados com placas de cimento ou de uma forma mais

rústica; com cerca feita de bambus, pois a divisória não tem o caráter de proteção e, sim de demarcação dos espaços de cada família, porém todos circulam de casa em casa sem a preocupação com as formalidades.

O quintal é o local das recordações mais íntimas da família, pois foi ali que cresceram, prosperaram, viram o tempo passar; seus entes queridos partirem e outros chegarem. Foi ali, à sombra das grandes mangueiras que os ensinamentos do pai prosperaram; que seus sonhos foram realizados acompanhando o crescimento daquelas árvores, que são também, árvores da memória do grupo. À medida que as mangueiras cresceram, cresceram as esperanças de um futuro melhor, acompanhando a passagem do tempo, medido a cada frutificar. Nesse local perceberam que as saudades, as dores da perda, as vitórias são revividas com um sabor diferenciado, pois foi ali que tudo começou e é ali que tudo se revigora, como a própria árvore dita no renovar de suas folhas.

As folhas caídas ao chão, levadas pelo vento e acumuladas num canto qualquer desse enorme quintal, simbolizam o frutificar das lembranças do grupo que se revigoram e são esquecidas; são contadas e recontadas ou se revertem em segredos, cuja recordação é revivida no íntimo de cada sujeito, enchendo de esperanças ou de inquietações as memórias de cada um ou se amontoando até se perderem pelos vãos do tempo.

O quintal da família Arruda simboliza a união do grupo, sempre reforçada pelo pai ao longo de sua existência. É também o lugar de reelaboração das práticas e saberes herdados, tanto é que a circularidade desencadeada nesse espaço faz dele o ambiente de reencontro com o passado e de atualização do próprio presente através dos ensinamentos e das práticas que ali se concretizam, dentre elas a arte de transmitir com sabedoria os legados do próprio Congado.

Foi nesse espaço que o senhor Edson Arruda pôde reencontrar suas memórias, materializando-as em histórias narradas, constituintes da importância dada ao lugar, pois foi ali que aprendeu com o pai os segredos do Congado e, dentre esses, a arte de confeccionar os instrumentos de percussão de forma artesanal. Foi nesse lugar de memória que sua fala transcendeu para além de simples palavras, corporificando-se em narrativas oscilantes imbricadas de alegria, de dor, de fé, de apreensão, de saudades, de realização, de dever cumprido e, sobretudo, de volta ao passado.

O contato com o lugar, com os instrumentos musicais, com as ferramentas de trabalho, a maioria delas utilizadas pelo pai, fez daquele ambiente um momento de recriação

identitária, propiciando a ele reviver muitas histórias e torná-las novamente presentes, atualizadas nas suas lembranças. Espaço para manter viva a figura do pai como co-autor de suas recordações, pois ele deixou claro que o pai ainda é seu grande espelho.

Por isso, o senhor Edson Arruda destacou que relembrar o passado é a possibilidade de trazer à tona a imagem do pai, pois é o patriarca que corporifica a junção do passado ao presente por meio da Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário.

Dessa forma, é importante dizer que a memória articula-se formalmente e duradouramente na vida social mediante a linguagem. Logo, é possível compreender a importância dada pelo senhor Edson Arruda àquele lugar. Estando ali, suas lembranças fluem, transformando a ausência das pessoas que se foram em presentificação, posto que “pela memória, as pessoas que se ausentaram fazem-se presentes”. (BOSI, 1992:28).

E na efusão de tantas lembranças, o senhor Edson Arruda narrou as muitas histórias contadas pelo pai, e atualizadas por ele, reafirmando que tudo que hoje sabe em relação às Festas do passado é fruto do que conseguiu absorver daquilo que foi transmitido pelo pai. Foi enfático em dizer que guardou nas suas lembranças não só momentos de felicidades como também de dificuldades, sobretudo, daquelas relacionadas à manutenção da Festa ao longo dos anos pela família.

Esses obstáculos impuseram suas marcas na recomposição das histórias recontadas que, ao serem recordadas, percorreram a trilha da memória. Nesse contexto, as recordações estando vinculadas a uma forte carga sentimental fazem do ato de relembrar um processo dinâmico, possibilitador da reconstrução da memória e, conseqüentemente, da história vivida.

Esse (re) viver de tantas lembranças dá o tom à linguagem viva do Congado. O tempo de relembrar essa prática cultural é um tempo de latências, que permite aos sujeitos narrarem as histórias herdadas, pois *a memória vive do tempo que passou e, dialeticamente, o supera* (BOSI, 1992: 27).

Então, para o senhor Edson Arruda, o fato de poder (re) contar as histórias do Congado atreladas às da família, é uma forma de representar, através da oralidade, as suas próprias histórias e reconstruir as várias possibilidades de reacender a sua própria identidade congadeira. Neste viés, ele demonstrou ser ciente da importância da oralidade na manutenção dessa prática cultural, pois segundo ele deixou transparecer, quando isso não ocorre, enfraquece-se a essência que movimenta o Congado, ou seja, o sentido que a sua concretização tem na manutenção do viver de cada praticante.

Quando levamos em consideração a carga emocional contida nas narrativas dos sujeitos, percebemos que as palavras fluem imbricadas de sentimentos que dificultam, às vezes, a sua materialização verbal. Nesse contexto, da voz do senhor Edson Arruda não fluiu apenas palavras, mas também emoções, representando os sentimentos acumulados ao longo dos anos, que naquela hora afloravam, mesmo que contidamente, revelando suas lembranças do passado.

É válido dizer que poderiam ter sido outras as palavras do senhor Edson Arruda se não estivéssemos ali na sua residência. Algumas vezes fui convidado a lhe acompanhar pelo quintal coletivo da família de onde pude, atentamente, ouvir suas histórias e observar a sua relação com o lugar e como aquele encontro propiciava o aflorar de sentimentos presentes nas falas e nos gestos do nosso narrador, enquanto ele cuidava de alguns afazeres ligados à Festa. Talvez, também, não tivesse presenciado na sua fala, o peso da perda do pai e dos irmãos falecidos, ao relembrar momentos tristes, se ele não se sentisse envolvido com os preparativos em torno da comemoração.

Foi nesse ambiente de recriação de suas memórias que o senhor Edson Arruda extravasou seus sentimentos e o peso das muitas perdas (do pai e dos irmãos falecidos) e a doença da matriarca. Contudo, reviver o passado, na sua perspectiva, se constituía numa oportunidade de senti-los ali, presentes, principalmente o pai, pois todas as agruras diárias se suplantavam quando levado em consideração que ser congadeiro e participar da Festa era: [...] *fazer aquilo que era a maior alegria do papai!* (Entrevista, 2001).

Conforme destaca Certeau (1994:38), a organização da vida cotidiana se efetiva mediante a interpretação que fazemos desses lugares. Sendo assim, “o bairro é o lugar de interação onde a arte de conviver com pessoas se refaz”, propiciando o compartilhar da cultura do outro no coletivo, uma vez que prática cultural se vincula a uma combinação mais ou menos coerente, fluida, de elementos cotidianos concretos que às vezes representam as tradições herdadas de um determinado grupo social cuja marca se imprime na vida do grupo como um todo.

A identidade congadeira da família Arruda se encontra disseminada por todo o bairro, sendo que ali reside grande parte dos membros da família tanto da linhagem paterna quanto materna, fazendo com que o lugar seja reconhecido por essa peculiaridade, tanto é que ali foi edificada uma praça chamada de “Praça dos congos”, símbolo representativo da cultura

do grupo e absorvido pelos moradores do bairro, mesmo não sendo eles membros da família ou congadeiros.

É comum verificar que, nos dias de Festa, os moradores do bairro têm como referência a casa, o quintal e a própria rua onde as residências dos irmãos Arruda se localizam como ponto de encontro com a cultura local do Congado. Todas as casas e o grande quintal da família Arruda deixam de ser espaços privados da intimidade dos familiares para se constituir no lugar de efervescência coletiva das práticas e saberes do grupo, edificado no Congado e nas comemorações feitas pela família durante os dias de comemoração.

Naquele espaço, como presenciei, ocorre uma transformação temporária de funções; o quintal, de ambiente privado, se constitui em local festivo alternativo para os ensaios, almoços e outras confraternizações alusivas à Festa se tornando o palco do (re) encontro da família com seu passado e com o evento atual.

Vale salientar que tanto o evento quanto o espaço tem significados distintos, mas a família Arruda, em especial, sabe que os momentos ali socializados são também os de renderem graças ao Divino. Às raízes da grande mangueira conduziam o rufar das vozes e dos pedidos feitos, cujas súplicas eram por dias melhores ou em agradecimento pelas conquistas alcançadas, pois aquele momento não era de dor e sim de conagração coletiva, mas não deixou de fazer fluir em forma de emoções as rugosidades e as manchas do passado.

O ritual torna-se para os transeuntes lugar do sagrado e do profano, da reza ao pé dos altares e do reencontro com os vizinhos, os congadeiros e com todos aqueles para os quais a Festa tem significado. O quintal, nesta medida, é também o cartão de visitas da família Arruda, conhecida também pelo apelido do pai - *Prego*.

Foi nesse quintal, vivendo todos os sentimentos possíveis, que a fala de nosso narrador Edson Arruda se encontrou com a fala de sua irmã, propiciando a recriação dos ensinamentos mais íntimos transmitidos pelo patriarca, os quais sustentam a manutenção da identidade do grupo e a relação deles com a própria Festa.

Na visão de Edsônia Arruda, ela apreendeu com os pais não só as muitas histórias sobre a Festa e sobre o Congado, mas também dar vida aos temperos e foi ali, à sombra daquelas mangueiras, que presenciava sua tia a preparar as encomendas; foi acompanhando a mãe às casas onde ela trabalhava que aprendeu a desvendar os segredos da cozinha; foi ali, naquele quintal, que recebeu os ensinamentos dos pais e os segredos congadeiros.

Foi também naquele lugar que Edsônia Arruda aprendeu com o pai a valorizar a importância que o congadeiro tem na manutenção dessa prática cultural, o que na maioria das vezes não é evidenciado no que se encontra registrado sobre as comemorações. Contudo, reafirma a preocupação do pai com a cultura do Congado, dizendo que, de todas as experiências, o pai extraía o que de mais positivo percebia agregando tais fatos em suas narrativas. Assim os novos conhecimentos incorporavam-se aos já existentes recompondo as lacunas da memória e da própria história do Congado local.

As falas da família Arruda evidenciam que as narrativas são dinâmicas, principalmente aquelas ancoradas à oralidade. E, por isso, embebidas de intenções e sentidos diversos. Algumas falas ou sentidos dados por eles à Festa norteiam o recontar dessas histórias congadeiras, dentre elas a resistência e a persistência dos congadeiros em levar adiante a ideia de realização da Festa na cidade. Eles percebem também a importância do pai como co-narrador dessas histórias.

Portanto, as histórias do Congado se fortalecem no reavivar da memória e se fomentam na capacidade que a memória coletiva tem de armazenar narrativas e expô-las associadas às vivências de cada sujeito. Por outro lado, a individualidade contida nas falas, faz delas um arcabouço em que se armazena o passado e o presente, que fluem na desconexidade das recordações. Quando evocados vão juntos reconstruindo as falas dos sujeitos, as expressões e os sentimentos vividos, ou seja, “as informações surgem permeadas do aspecto emocional de quem as experimentou” [...] (PEREIRA, 2005:31).

Nesse sentido, Luciêda Maria das Graças, filha de Edsônia Arruda, me explicou naquela época a relação da família com o lugar e a sua importância na manutenção dos sentimentos que os ligam ao Congado. Segundo ela o quintal é:

[...] O lugar mais importante para mim! Foi aqui que eu cresci e vivi os melhores dias de minha vida! Foi aqui também que eu me reencontrei comigo mesma [...] Quando eu parei de dançar eu senti um vazio tão imenso, uma dor no peito, mas eu não podia ir contra tudo que meus avós e minha família sempre pregaram. Eu sabia que não podia mais dançar [...] Eu dancei por 25 anos e tive que parar.(chora) [...] Eu falei que não queria mais participar da Festa e nem dos seus preparativos. Eu disse para o meu tio arrumar outra pessoa para organizar a bandeira, mas parece que eu tinha uma dívida com Nossa Senhora. Ninguém conseguiu arrumá-la. Eu tive que vir cumprir a minha obrigação. Ai eu aproveitei e pedi perdão a Nossa Senhora. [...] ela me ouviu. Estou até mais aliviada! Tem outra coisa também, eu tive a certeza que essa Festa é tudo na minha vida. É ela que dá força para a gente viver e enfrentar a vida durante todo o ano. (Entrevista, 2007).

Com base em Pollack (1989) e nas falas dos congadeiros, em especial a de Luciêda Maria das Graças, percebo que as narrativas advindas do exercício da memória propiciam a construção de uma ação histórica ancorada no ponto de vista dos seus interlocutores. Isso foi por mim constatado, já que ao falar de si, falar dos outros, falar da Festa ou do Congado, os sujeitos da pesquisa falavam das vivências, das dores, das perdas, dos sentimentos mais íntimos que não são revelados a todos, somente quando querem falar, quando desejam expressar suas histórias e, com elas, veem toda uma carga dramática; os rancores, as flores e os espinhos do viver coletivo e do sentir individual.

A memória enquanto relembramento é um ato solitário, único da pessoa que relembra, mas a lembrança do vivido é mediada pelas histórias, experiências e acontecimentos que envolvem outras pessoas. Por isso que os filhos do senhor Arruda frisam sempre que tudo que aprenderam na vida e o que são hoje é fruto dos ensinamentos do pai.

Considerações

(Re) Viver essas histórias depois de alguns anos de pesquisas já realizadas e muitas outras histórias reconstruídas é o meio de atualizar as minhas lembranças com a festa do Rosário de Catalão-GO, e também de retroalimentar novas reflexões sobre a temática festa e religiosidade popular, não perdendo de vista que a fé e a festa caminham juntas, são expressões latentes na memória de seus praticantes além de ser sinônimo de vida para quem exercita, continuamente, as memórias vividas. Isso reflete aquilo que Ricoeur (2007: 41) destaca, ou seja, que a memória se encontra no singular e as lembranças no plural, justamente porque, ao recordarmos, relembramos de fatos ou acontecimentos compartilhados coletivamente e trazemos à tona o que experimentamos dessa relação que se firma na memória e flui, não só através das nossas percepções como em torno de toda a bagagem adquirida e absorvida do convívio coletivo. Os nossos narradores, Edson e Edsônia Arruda, apontaram em suas falas que as histórias trazidas à tona se tornam uma rede que entrelaça as histórias do bisavô, do avô e do seu pai recriando suas muitas histórias.

Outro aspecto relevante é que mesmo essas histórias sendo vividas e partilhadas coletivamente, cada sujeito as relembra e as corporifica a sua maneira, visto que os

acontecimentos ao serem atualizados fluem espontaneamente, seguindo e ocupando lugares próprios na memória de quem lembra e vêm na forma de imagens que falam por si só e assumem contornos outros, pois ao relembrar incorporamos a essa presentificação representações, outros sentidos diferentes daqueles vividos anteriormente.

A memória flui e traz consigo os desejos, os ressentimentos, as dúvidas, a imaginação que dão às narrativas a possibilidade de um novo caminhar, como destaca Ricoeur (2007). Para este autor “o ato de rememorar ou de acessar as recordações do vivido, materializadas nas lembranças no tempo presente, é a melhor forma encontrada pelos indivíduos de lutarem contra o esquecimento”. (RICOEUR, 2007:48).

É por essa lógica que as muitas memórias, que cercam a história do Congado, têm na re-atualização da Festa o espaço de atualização da memória do Congado, evocando nas narrativas a ancestralidade para novamente protagonizarem, junto com outros sujeitos, as histórias (re) vividas.

As rugosidades da memória fazem com que o ato de lembrar percorra caminhos diversos até se materializar em falas e gestos. Outras vezes, entram em erupção e emergem carregadas de ressentimentos visíveis no embargo da voz, na expressão carregada, nos silêncios repentinos, mas saem para reafirmar as mágoas, as decepções, os desencontros. Essas vozes são as que falam do Congado; que (re) vivem a Festa e reforçam os vínculos familiares e com o passado. A família Arruda é exemplo vivo dessa dinamicidade da memória e de sua materialização. Eles representam centenas de devotos que veem as comemorações em louvor a Senhora do Rosário como mero divertimento. Eles tem esse momento como lugar de reencontros com as lembranças, de identificação pessoal; o termômetro que dosa a temperatura do sentido de suas próprias vidas!

Entrevistas:

ARRUDA, Edson. Entrevista (2001, 2002, 2003).
ARRUDA, Edsonia. Entrevista (2001, 2002, 2003).
GRAÇAS, Luciêda Maria das. (2002, 2003)
Entrevistado 1
Entrevistado 2
Entrevistado 3

Arquivo Público:

Atas da Câmara Municipal de Catalão-GO (1970 – 2003).

Referências:

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

_____. **Tempo de lembrar**. Em Memória e Sociedade - A Lembrança de Velhos. São Paulo: Edusp, 1987.

BOSI, Alfredo. **O Tempo e os Tempos**. In: NOVAES, Adauto (org). Tempo e História. São Paulo: Cia das Letras, 1992. p. 19-32.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano – Artes do Fazer**. Tomo 1 e 2, 6 ed., Petrópolis: Vozes, 2001.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: autêntica, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1989.

_____. **Uma descrição densa: por uma teoria Interpretativa da cultura**. In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1983 [1978]. p.13-41.

POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricas, Rio de Janeiro, vol.2, nº. 3, 1989

RICOEUR, Paul. **A Memória, a história e o Esquecimento**. Tradução de: Alain François e outros. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

_____. **Tempo e Narrativa**. Tomo 1. Tradução de Constança Marcondes César. São Paulo: Papyrus, 1994.